

Clon. Brasil

O Exemplo de Carajás

16 OUT 1993

JORNAL DO BRASIL

Os programas de televisão dedicados à trajetória política do deputado Ulysses Guimarães no primeiro aniversário do seu trágico desaparecimento, principalmente o documentário *Ulysses Cidadão*, exibido pela TV Manchete, serviram para refrescar a memória dos brasileiros em relação a episódios recentes da nossa história.

Vários mitos caíram por terra e incomodaram os políticos que foram retratados, com base em fatos e imagens rebuscadas nos arquivos e em depoimentos recolhidos. Um deles dizia respeito à interferência do PMDB, mais especificadamente na participação do Dr Ulysses no *engessamento* prolongado que levou ao malogro do Plano Cruzado.

O professor da Unicamp João Manoel Cardoso de Mello, secretário de política econômica do ministro Dilson Funaro e membro da executiva do PMDB paulista, deu um depoimento esclarecedor a respeito da famosa reunião de maio de 1986, em Carajás (MA), que serviria para o presidente Sarney reavaliar o Plano Cruzado com toda a equipe econômica.

A expectativa reinante entre os principais formuladores do Plano Cruzado — como o então presidente do IBGE, Edmar Bacha, e os diretores do Banco Central, Pêrsio Arida e André Lara Resende — era de que o presidente da República acataria as observações de que a economia estava exageradamente aquecida, e, ao lado de medidas fiscais, era preciso descongelar preços públicos e privados que estavam atrasados quando da decretação do plano, em 28 de fevereiro, e, paralelamente, aumentar a taxa de juros, para evitar a especulação e a retenção de estoques.

Corroborando declarações de ex-cruzados, João Manoel Cardoso de Mello disse que a

caminho de Carajás todos foram informados para não tocar no assunto. Com isso, a reunião documentada pela televisão, jornais e revistas, tornou-se um grande engodo. Exceto a criação, em julho, dos empréstimos compulsórios sobre combustíveis e automóveis, não se mexeu em nada num plano que começou a fazer água com dois meses, na tentativa de empurrá-lo com a barriga até as eleições de novembro.

A versão sustentada pelo atual senador José Sarney sobre o estelionato eleitoral em que se transformou o Plano Cruzado — para permitir a eleição de todos os governadores do PMDB, com exceção de Sergipe — foi a de que a equipe econômica lhe garantira haver condições de controlar a economia até as eleições.

Os fatos já pertencem à história. Independente das versões que pretendam valorizar a participação de cada um, na esperança de colher novos dividendos eleitorais de um plano econômico que já nasceu torto em relação à concepção dos formuladores, porque o presidente da República recuou dos aumentos dos combustíveis, da energia elétrica, do leite e do pão — que permitiriam um ajuste fiscal — depois que populares apedrejaram, no Largo da Carioca, a loja Bob's, que estava remarcando preços no primeiro dia do congelamento.

Mas a coincidência de ser a exibição do documentário precedida, sexta-feira passada, pela reunião de quatro horas entre o presidente Itamar Franco e a equipe do ministro Fernando Henrique Cardoso — da qual fazem parte os ex-cruzados Bacha, Arida e Lara Resende — há de ter servido para o chefe do governo pesar adequadamente as observações dos economistas na hora de decisões que são fundamentalmente políticas. O Brasil não resistirá a novo erro na fuga ao ajuste fiscal.